

Menina e Moça

António Gajardo

refracção simultânea que liquefaz, o espectro da música
vai carcomendo a realidade. articula a disposição das
memórias: vamos para outra cidade e falemos de onde
se faz a cor das plantas. antes de chegarmos a nós
rebolaremos tresvairados cegos brancos olhos revirados
amalgama-de-membros até uma praia azulada onde o
discurso é mais / reveretur. alinha as tuas formas, que é
aquilo que corre na margem da pele – volve à
reprimenda, burila a recepção das imagens no óculo
fosco, porque haverá sempre algum ruído na gelatina
dos olhos, ainda que chova abundantemente. Dispara
através da galeria como se não soubesses a consistência
das palavras, nihil obstat, elas prendem as coisas em
ermos de bocas.+++++
Ermos de tudo, fluem estremecimentos entre estilhaços
de carne: qual foi o que veio a ser, não o sabia e ainda –
a função boreal oscila oscila oscula a praxis das horas
geleia daquele amor e entras em cena no torpor oco da
sucessão cadenciada de objectos pousados.+++++
aproxima-se uma fantasia que modela o mundo nos
dedos no tampo da mesa na comunicação das texturas.
nós nascemos com a substância do conteúdo do mundo.
aprendizagem irremissível: o original pecado de

conhecer o nome das coisas. dor: não existe ausência nos
entes aprisionados. o corpo evanescente continua a
crepitar, sem lembrança das manhãs encapuçadas.
sobrevive um esquematismo de arestas laminadas.+++++
menina e moça